



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

## MAL-ENTENDIDO EXPLICAVEL



— Que quer o patron? Xá o prebino que se me ben cunbidar para ministro, não aceito.

— Não, homem; é para ires fazer um recado...

— Ah! ixo xim.



## PALESTRA AMENA

## Dona Basofia &amp; Filha

Quem não tem que vender e quem não faz trocas-baldrocas, isto é, quem tem repugnancia de explorar o proximo — quanto ás trocas-baldrocas — vendo-se obrigado a viver de rendas ou ordenados fixos, é que é a verdadeira vítima do triste estado de coisas em que nos poz a guerra e consequente paz. D'esses, porém, ha os resignados que procuraram limitar-se ao necessario e aboliram todo o superfluo, confessando sinceramente a sua pena, e ha os que fingem que o aumento dos preços em nada os prejudicou, explicando com trabalhosa arretreice o facto de tambem se terem visto obrigados a cortar nas despesas habituais.

D. Bisofia e sua filha, esta uma solida moçetona entre os trinta e os quarenta anos, aquela uma espevitada dama de sessenta e tantos, estavam costumadas a ir para a Figueira da Foz em Agosto e Setembro e ali exhibiam as espalhafatosas «toilettes» e a espalhafatosa toleima com certo exito entre os cavalheiros maduros e amadores das meninas entre os trinta e os quarenta anos...

Encontrámo-nos ha dias no comboio da linha de Oeste com estas interessantes damas, viajando n'um compartimento de 2.<sup>a</sup> classe, que tal é a nossa desde que o preço das passagens triplicou. Ao querermos entrar na carruagem, a D. Basofia, á portinhola observou:

— Todos os logares aqui estão reservados. Eu e minha filha pagámos mais seis tostões cada uma...

— Tambem eu, minha senhora.

— Ah!

Instalámo-nos e D. Basofia entrou logo de conversar.

— Eu moro na rua do Ouro; a minha bagagem e a da minha filha, duas malas com 400 quilos, tudo vestidos de seda, vieram a pau e corda; demos aos moços trinta mil réis. Foi baratissimo.

Observámos:

V.<sup>as</sup> ex.<sup>as</sup> tinham feito isso mais barato alugando uma carroça. Foi o que fizemos, só gastando tres mil réis, o que já nos não parecem pouco...

— Ah! nós não olhamos a despesas!

N'isto notámos que a filha de D. Basofia trazia um chapéu de papel e dissemos que muito nos agradavam as senhoras que assim se mostravam economicas. Logo, a filha de D. Basofia:

— Ah! isto não é por economia, cavalheiro. E' porque o papel é levissimo e d'uma enorme comodidade em viagem. Na mala levo vinte chapéus, de seiscentos mil réis cada um.

— Vão para a Figueira?

— Qual! Vamos para a Nazaré. Saímos no Valado.

— Ah! sempre é mais baratinho...

— Qual! Este ano na Figueira não se pode estar. São tudo novos-ricos. Depois, a Nazaré fica mais perto de Lisboa. As casas são realmente mais

baratas do que na Figueira, mas não para nós, que costumamos dar de gorgeta aos pequenos do senhorio tanto como de renda da casa... Como temos posses...

— E porque não preferem viajar em 1.<sup>a</sup> classe?

— Credo! A 2.<sup>a</sup> é que é agora a classe «chic». Na 1.<sup>a</sup> vão pessoas mal educadas...

— Sim?

— Sim; como a Companhia tem poucas carruagens os passageiros de 3.<sup>a</sup> metem-se na 1.<sup>a</sup> e vai-se lá com sardinha em tijela e n'uma tal convivencia...

Puxou-se dos farnéis. Nós, de modestissimos pasteis de bacalhan, D. Basofia e filha d'uma galinha. Olhámos de revez, com uma tal ou qual inveja e D. Basofia explicou logo:

— O nosso estomago não se dá com bacalhan nem com outras comidas assim ordinarias.

O' minha senhora! Olhe que o bacalhan está a dois mil réis o quilo!

— E que é isso? Só comemos galinha, pato, porco e d'af para cima. E não é lá qualquer galinha. Esta que aqui vê foi sustentada a feijão carapato...

Não respondemos, porque a sonolencia, com que vinhamos lutando, nos venceu. No entanto, quando iam os fechar os olhos, ainda conseguimos ouvir a D. Bisofia, que dizia á filha em voz baixa:

— Não te alambazes muito, ó «Jórgina»; bem sabes que esta galinha tem de nos chegar para os primeiros cinco dias na praia...

J. Neutral.

## Razões da carestia

Tem-se escrito e dito muita coisa — muitas asneiras — sobre as razões da carestia da vida, mas, decerto, se tem seguido caminho errado, visto que ainda nada se remediou entre nós, o que não teria acontecido se essas razões fossem verdadeiras. Então, vamos lá nós a vêr se damos no vinte.

As pêras, por exemplo, estão por um



tal preço que os jornais as citam em especial, sem atinarem com o motivo da exorbitancia do seu valôr. Pois quanto a nós elas começaram a encarecer quando começou a ser moda dizer «e peras», querendo significar-se beleza, abundancia, etc., fóra do vul-

gar. Assim valorizadas as pêras, como não haviam de encher-se de orgulho e de passar a vender-se carissimas?

Agora, os tecidos de fazenda para fatos. Que se costuma dizer quando passa uma senhora bonita e bem vestida? Diz-se «que boa fazenda» não é assim? De af, a fazenda julgar que os elogios lhe são dirigidos e, consequentemente, subir até preços inverosímeis.

E' verdade que, n'esta ordem de ideias, o calçado devia estar baratissimo, porque aos coiros é costume a gente referir-se em tom depreciativo, mas a excepção confirma a regra.

D'esta é que ainda ninguém se tinha lembrado.

## Abundancia de carvão

Não ha fome que não dê em fartura. Depois d'aquelas afirmações do sr. Antonio Granjo, que no Fun'chal se untavam as rodas dos carros com manteiga, o mesmo senhor declarou que vão entrar em Lisboa, d'aqui em diante, nada menos de 54:000 quilos de carvão por dia! O que ainda se não sabe é em que dia



principia essa inundação, pois que por enquanto, a julgar pela dificuldade em obter um quilo, que seja, não entram nem dez arrobas, mas a palavra do chefe do governo ha de cumprir-se e d'aqui até lá, não ha nada como uma pessoa resignar-se.

54:000 quilos por dia, por tempo indeterminado, é tão bom que nos parece que virá a trazer algum inconveniente, como o de não haver onde acomodar tanto carvão; mas atendendo ás suas numerosas applicações — para doenças de estomago, para filtros, para aparelhos electricos, para desenhar... a carvão, para fabrico de polvora, para pós dentifricos, etc., etc. só muito tarde taes inconvenientes advirão.

Emfim, enquanto o sr. Antonio Granjo mandar, bem estamos nós, quanto mais não seja de esperanças...

## Ne vouloir être rien

Mais uma tradução dos versos com esse titulo nos chegou muito fóra do praso marcado: assina-a A. B. Ribeiro e merecia, na verdade, ter sido incluída entre as que receberam menção honrosa, embora se trate d'uma versão liberrima.

Para a outra vez apressem-se os srs. poetas, sim?



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Minha crida amétade:

Istimo que esta te vá incontrar vòa na companhia de touda a noça famiai de toudas as peçoas das noças ralasões. Eu, grassas a Noço Senhor i u ter um istamago de ferro cá bou bibendo cum pão cum bidros i outros inguerdientes, poucos porque flizmente u que á pra comer é pouco i mau. Ora nu istado de debeldade in que maxo nan tive curaje de ir ver u «Castro» ó Nassiunal porque tive medo ca tragedia me dêce na fraqueza i en desmaiáe cando vice as d.sgrassias que acunteceram á prove Amelinha Culassa cuja esta afinal já istá curada du ataque de muralidade que le deu cando u noço cumpadre Galhardo quiz qui ela fazece o «Divrosiemonos». Agora inté já tem filhos, mas é berdade que ção dum príncepe i que ção a finjir, mas infim nan ce çabe munto bem ce ção filhos du matrimonio ó ce ela us deu á luz cem ter cido arresebída na ingreja. O que é berdade é que ela in tempo da rainha dona Constansa já le dava desgostos cum u



marido ca final nan é lá pursedimento munto catolico. I ós pois tamem nan fui ó Nassiunal porque munto me avia de custar ver morrida a ditã Culassa, mémo a fingir. Crédo! có u desgosto cu Robeles Munteiro ade ter toudas as noites! I cumo já te dixe agora é questume cando a jente faz critegas das pess us ótores crerem duelar a jente i infão tive serto arreseio cu tal Antoino Ferreira, ótor du «Castro», me vinhesse desafiar porque deve cer ome de munta forsa cumo se vé porque quem tem fôlego pra fazer tantos bérçes cum serteza é çujeito de pulço. Tamem tive arreseio, fallandote cum franqueza de nan intender a pessa porque u tal Ferreira disseme que a iscreveu in portuguez de á 300 anus i cumo tem pur elabrador o mê amigo Julo Dantes que cando calha iscreve cumo ce iscrevia á 400 anus feturei caquila ceria uma ingresia, mas cigun lo me dixeram inganeime neste praticular i cum isto nan te infado mais nim çou mais istenço porque tanho dir pra bixa du cravão ós pois prá du açure ós pois prá du lête ós pois prá da mantéga ós pois prá du pão ós pois prá du macarrão ede setera i tudo isto á pata cumo u ome porque a cambra mansipal istá iscama-da cu a companhia dus inlétricos pur cós du presso dus paçes que é uma questã munto isquesita porque us produtores dus paçes querem u ómento a companhia tamem i çó a cambra é que

## EM FOCO



## Mercedes Blasco

Já, no espaço de trez ou quatro mezes, Tenho invocao a musa acolhedora Para cantar esta gentil senho: a Em Foco, não me lembro quantas vezes.

— E' de mais! vão dizer os descortezes, Cuja lingua de fel só quer tesoura.  
— De menos! eu di: ia, se não fóra O maior dos poetas portugueses...

Queixa-se a nossa actriz, na Vagabunda De ce to esquecim nto e indiferença Por dama em pat iotismo tão fecunda;

Mas de mim, com certeza, tal não penso Pois que lhe mostro a estima mais p o fundo E nem por sombras quero recompensa...

BELMIRO.

não i arresebe çodosos brassos i bejos du teu marido que te manda çoidades i ós noços bácos açim cumo ós teus filhos i meus cum tua lisensa, munto ubrigado

Jerolmo,  
Emprezario do Pauliteama  
de Peras Rulvas.

## Contra o paleio

Não é só ao «Seculo» que enviam numerosas cartas a condenar o paleio nacional e as suas tristes consequencias: tambem o «Seculo Comico» tẽ u recebido queixumes e alvitres, que só a falta de espaço nos tem impedido de publicar. Vá lá uma excepçõsita, por favor.

Sr. redactor:

«Não ha duvida de que o paleio é um dos grandes males da nossa terra, onde se fala muito e se faz pouco; mas tambem não ha duvida de que o remédio é extremamente simples e rapido.



Pois não podia a poli cia usar, além do «casse-tête», tesouras, e cortar a lingua logo que qualquer pessoa pronunciasse mais de certo numero de palavras em determinado espaço de tempo? Aplique-se a tesoura policial no parlamento e vêr-se-ha como dentro

em pouco se não dizem ali senão coisas acertadas. Pela publicação d'estas linhas, que representam a justa aspiração de todos os patriotas, se confessa muito grato o

At.º ven.dor obrig.º

J. Silva B.º

Sr. redactor:

«Não são todos os discursos dos parlamentares publicados no «Diario do Governo?» São. Ora, como as palavras que dizem a mais representam um ronbo a quem paga a tais cavalheiros, porque são desperdicio de tempo, que nós todos pagamos, por bom dinheiro, e como essas palavras a mais são tambem despeza inutil no dito «Diario do Governo», não poderia nomear-se algum competente para examinar esse p rioldico e tomar nota do que lá viesse escrito a mais, nos discursos, para que os autores pagassem multa correspondente, por exemplo, um escudo por cada palavra julgada desnecessaria? Aí fica o alvitro d'um

Leitor assiduo.º

## Papando...

Noticias de Leiria dizem que foi ali recebido com muito regosijo o novo bispo, sr. D. José Alves Correia da Silva, realisando-se, á sua chegada, um jantar de gala.

Sem querermos desmanchar prazeres e fazer notar que nos tempos que vão correndo os jantares de gala não são as manifestações que mais podem agradar aos humildes, sempre diremos que um jejum, n'aquelas circunstancias, estaria mais em harmonia com os preceitos cristãos.

A apostar que Jesus Crvisto, quando entrou triunfante em Jerusalem, não papou nenhum banquete?

# As árvores do Rocio



Novos ricos. Ela:

— Dizem que vão arrincar estas árvores; que pena!

Ele:

— Não faças juizes temerarios. Talvez seja para as substituirem por outras de utilidade, por exemplo, por arvores de macarrão...